

PRÁTICAS DE LEITURAS DIGITAIS NA UNIVERSIDADE

Elaine Coelho da Silva

Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

São Luís, MA, Brasil

elainecoelhofma@gmail.com

Ana Cristina Champoudry Nascimento da Silva

Doutora e Mestre em Educação

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

São Luís, MA, Brasil

ana.champoudry@ufma.br

1. Introdução

A formação inicial de professores nos cursos de licenciatura pressupõe o domínio progressivo de práticas de leitura e escrita que cumprem uma dupla função: inserir o estudante nos modos de produção do conhecimento científico e, ao mesmo tempo, prepará-lo para compreendê-los como objetos de ensino. Esse domínio, porém, no ensino superior; trata-se de um processo complexo que requer aprendizagem sistemática e mediação pedagógica (Amaral et al., 2025). Diante das exigências da escrita acadêmica, muitos estudantes recorrem ao que Hartmann e Santarosa (2013) chamam de estratégias de "preenchimento de folha em branco", produzindo textos marcados pela justaposição de ideias sem coerência argumentativa. Tais dificuldades não são atributos individuais, mas expressão da complexidade das práticas de letramento acadêmico, que são socialmente situadas e variam conforme o contexto institucional (Lea; Street, 2014).

Esse cenário se torna ainda mais desafiador diante da crescente mediação das tecnologias digitais, que vêm transformando os modos pelos quais os estudantes leem, pesquisam e produzem textos. Se por um lado o ambiente digital amplia consideravelmente o acesso à informação, por outro tende a favorecer uma leitura marcada pela descontinuidade, pela navegação não linear e pela circulação acelerada entre conteúdos (Soares, 2002).

O que se observa não é uma redução da quantidade de leitura, mas uma mudança qualitativa: formas leitoras que demandam atenção prolongada e elaboração conceitual cedem espaço a formas que prescindem dessas exigências, com possíveis repercussões sobre a produção escrita acadêmica (Souza, 2020).

Wolf (2019) contribui para essa discussão ao demonstrar que suportes distintos ativam circuitos cognitivos diferentes: a leitura em meio impresso tende a favorecer operações mais lentas e reflexivas, ao passo que a leitura digital frequentemente aciona processos mais rápidos e fragmentados, com implicações diretas sobre a capacidade de organizar e expressar ideias com rigor.

Vinculada ao projeto *Leitura e escrita na formação de professores em universidades maranhenses*, e desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Aprendizagem e Formação de Professores (GPLAFORP/UFMA), esta pesquisa tem como objetivo geral investigar as relações entre as práticas de leitura em suportes digitais e a produção escrita dos discentes no contexto acadêmico. Como objetivos específicos, busca: identificar os espaços, suportes e materiais digitais utilizados pelos discentes em práticas leitoras e escritoras; reconhecer as estratégias de leitura e escrita de textos acadêmicos desenvolvidas pelos estudantes; e categorizar a produção escrita de licenciandos de acordo com critérios de elaboração textual acadêmica.

2. Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa, voltada para a compreensão de como as práticas de leitura de textos acadêmicos em suportes digitais se refletem na produção escrita de estudantes dos cursos de licenciatura. A pesquisa fundamenta-se no modelo dos letramentos acadêmicos, conforme proposto por Lea e Street (2014), que compreende as práticas de leitura e escrita como socialmente situadas e atravessadas por relações de poder e produção de sentido, orientando a análise para além de uma perspectiva meramente técnica.

O estudo encontra-se em fase inicial de desenvolvimento e organiza-se nas seguintes etapas: levantamento bibliográfico em bases como Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, priorizando estudos sobre letramento acadêmico, leitura em ambientes digitais e formação de professores; e participação nas reuniões de estudo do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Aprendizagem

e Formação de Professores (GPLAFORP/UFMA), espaço de formação e aprofundamento teórico que orienta o desenvolvimento da pesquisa.

Em etapas posteriores, será aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas junto a estudantes dos cursos de licenciatura, com foco nas práticas de leitura de textos acadêmicos em suportes digitais e os desdobramentos na produção escrita. Os dados coletados serão sistematizados e analisados a partir de categorias relacionadas às práticas de leitura digital, às estratégias de compreensão textual e aos reflexos identificados na escrita acadêmica.

A análise dos dados será orientada por procedimentos de análise temática, com base em categorias construídas a partir do referencial teórico adotado, permitindo identificar regularidades e variações nas práticas de leitura e escrita em ambientes digitais.

3. Resultados Parciais e Perspectivas

Os resultados apresentados a seguir derivam do levantamento bibliográfico realizado até o momento e constituem a base teórica sobre a qual se apoiarão as análises empíricas nas etapas subsequentes da pesquisa.

A revisão da literatura aponta que a leitura em ambientes digitais se tornou uma prática predominante no cotidiano universitário. Soares (2002) já sinalizava que o letramento na cibercultura não elimina a leitura, mas a reconfigura: o ambiente digital é intensamente textual, porém favorece a circulação acelerada entre conteúdos, a navegação não linear e a leitura fragmentada. Souza (2020) aprofunda essa perspectiva ao observar que o problema contemporâneo não é a ausência de leitura, mas a substituição gradual de formas leitoras que exigem atenção prolongada e elaboração conceitual por formas que prescindem dessas exigências. Há, portanto, convergência entre esses autores quanto ao diagnóstico: a leitura digital amplia o acesso à informação, mas tende a comprometer a profundidade do processamento textual.

Essa compreensão ganha respaldo quando confrontada com Wolf (2019), que demonstra, a partir de pesquisas em neurociência cognitiva, que suportes distintos ativam circuitos cognitivos diferentes. A leitura em meio impresso tende a favorecer operações mais lentas e reflexivas, ao passo que a leitura digital aciona processos mais rápidos e fragmentados, com implicações diretas sobre a capacidade de organizar e expressar ideias com rigor. A autora alerta que os processos de leitura profunda, inferência, análise crítica,

construção de sentido, dependem de atenção sustentada e levam anos para se consolidar, o que os torna especialmente vulneráveis aos padrões de leitura fragmentada que caracterizam o ambiente digital.

Essas evidências se articulam diretamente com as dificuldades observadas na produção escrita acadêmica. Hartmann e Santarosa (2013) apontam que, sem um posicionamento previamente construído sobre o tema, os estudantes tendem a produzir textos marcados pela justaposição de informações sem progressão argumentativa, o que os autores denominam estratégias de "preenchimento de folha em branco". Essa dificuldade não é isolada: ela reflete, em grande medida, os padrões de leitura que precedem a escrita. Se a leitura é feita em diagonal, priorizando resumos e selecionando informações por relevância imediata, a escrita tende a reproduzir essa mesma lógica fragmentada, comprometendo a coerência e o diálogo crítico com os referenciais teóricos.

O modelo dos letramentos acadêmicos (Lea; Street, 2014) oferece um quadro interpretativo fundamental para compreender essas relações. Para os autores, as dificuldades de leitura e escrita no ensino superior não são déficits individuais, mas expressão da complexidade das práticas discursivas acadêmicas, que são socialmente situadas e atravessadas por relações de poder. Nessa perspectiva, a solução não passa pela substituição do suporte digital pelo impresso, mas pela formação de sujeitos capazes de regular os próprios modos de leitura, mobilizando estratégias compatíveis com diferentes objetivos epistêmicos. Isso implica a necessidade de práticas pedagógicas intencionais que articulem o uso dos recursos digitais ao desenvolvimento de leitores e escritores acadêmicos críticos, uma demanda que os dados empíricos a serem coletados nas próximas etapas desta pesquisa poderão confirmar, aprofundar ou problematizar.

Embora a literatura aponte tendências consistentes quanto à relação entre leitura digital e escrita acadêmica, observa-se como limitação a predominância de estudos de caráter teórico ou desenvolvidos em contextos distintos do investigado nesta pesquisa. Tal aspecto reforça a relevância da etapa empírica proposta, que poderá oferecer uma compreensão situada dessas práticas no contexto das licenciaturas da UFMA.



4. Conclusões

As práticas de leitura em ambientes digitais reconfiguram os modos de interação com o texto no ensino superior. A literatura indica que tais práticas se caracterizam pela não linearidade e pela fragmentação, com possíveis implicações na produção escrita acadêmica. As dificuldades na escrita são compreendidas como expressão das práticas de letramento acadêmico, e não como déficits individuais. Evidencia-se a necessidade de mediações pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento de estratégias de leitura e escrita mais reflexivas no contexto da formação docente.

Palavras-chave: Letramento acadêmico; Escrita acadêmica; Ensino superior; Tecnologias digitais; Licenciatura.

Referências

- AMARAL, Luana Lopes; PEREIRA, Daniervelin; ABREU-AOKI, Raquel; COSCARELLI, Carla Viana. *Letramento acadêmico: prática de pesquisa e produção textual na universidade*. São Paulo: Contexto, 2025.
- HARTMANN, Schirley Horácio de Gois; SANTAROSA, Sebastião Donizete. *Práticas de escrita para o letramento no ensino superior*. Curitiba: InterSaberes, 2013.
- LEA, Mary R.; STREET, Brian V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477–493, jul./dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i2p477-493>.
- SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, v. 23, n. 81, p. 143–160, 2002.
- SOUZA, Joana de. *Aspectos da leitura na era digital: como as novas tecnologias podem afetar nossa capacidade de compreender textos*. Curitiba: Appris, 2020.
- WOLF, Maryanne. *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era*. Tradução de Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

